

Navegantes

Navigators

Marcos Martins

Professor de Escultura e Performance na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil

Artista visual, arquiteto e bioconstrutor poético. Doutor em Poéticas Visuais ECA/USP e Pós-doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/USP. Pesquisa os abrigamentos sensíveis nas práticas decoloniais da arquitetura e do corpo em espaços urbanos e na natureza, bem como as transformações nos territórios e paisagens construídas (ou desfeitas) pelo humano. Atua entre a espacialidade, o desejo e o corpo em seus estreitamentos com a Arte Contemporânea investigando o racismo ambiental e as transformações nos territórios. Coordena o grupo Labterra de tecnologias e saberes ancestrais. Vice-líder do grupo Imagem e Natureza – IMAGNATUR (CNPq/USP) e membro do grupo GEMAP (CNPq/USP).

Visual artist, architect, and poetic bioconstructor. Professor of Sculpture and Performance at the Federal University of Espírito Santo (UFES), PhD in Visual Poetics from ECA/USP, and Postdoctoral researcher in Architecture and Urbanism at FAU/USP. His research explores sensitive shelters within decolonial practices of architecture and the body in urban spaces and nature, as well as transformations in territories and landscapes built (or undone) by humans. He works at the intersection of spatiality, desire, and the body, engaging with Contemporary Art to investigate environmental racism and territorial transformations. He coordinates the Labterra group on ancestral technologies and knowledge, serves as Vice-Leader of the Image and Nature – IMAGNATUR group (CNPq/USP), and is a member of the GEMAP group (CNPq/USP).

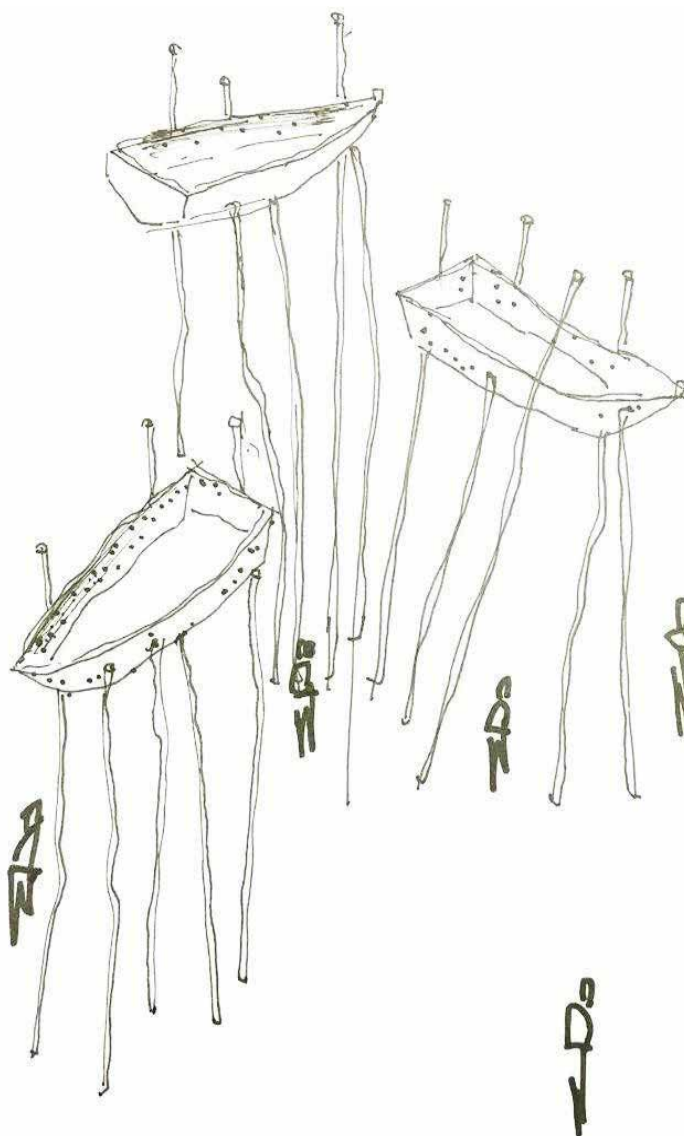


Fig.1 – Perspectivada da instalação dos barcos para o 5ª. Arte Praia – poéticas efêmeras, 2023. Imagem: autor

Três barcos impossibilitados de navegar no mar. Materializados com recursos falíveis às águas. Barcos em pau-a-pique. Memória de casas, de abrigos e residências de tantas pessoas, de famílias inteiras de pessoas trabalhadoras. Abrigos, ambas as estruturas. Corpos fundamentais na construção da humanidade, que definem comportamentos e decisões. Um corpo híbrido inventado, híbrido casa-barco - proposição escultórica efêmera que habita, certamente, em que a viu. Ecos de pescadores. Palafitas instaladas, embarcações suspensas em estruturas altas e imponentes, ainda que próximas e reconhecíveis. Uma aposta em fazer mergulhar no imaginário e no estranhamento proposto pela intervenção de grande escala presente, agora, em registros de espanto. Na transição entre a fuga e o guardar na memória. Habitar na navegação do impossível.

curadoria: Gustavo Wanderley e Sara Sintique

A obra *Navegantes*, comissionada pela Casa da Ribeira para o 5ªArte-Praia: poéticas efêmeras (<https://www.artepraia.com/>), desenvolvida como intervenção urbana de caráter

temporário para a orla de Sabiaguaba e Abreulândia, em Fortaleza - Ceará. Compôs-se de 3 (três) barcos, cada um medindo 340x100x34cm, constelado por placas de pinus, e armado com varas de maçaranduba, sendo revestido internamente com compensado 4mm e externamente com malha de aço zincado com amarrações em madeira de marmelo e mororó (típicos das casas de pau-a-pique na região cearense) e revestimento por cobertura de barro argiloso, esterco e fibra de coco em todo os seus contornos externos.

Cada um dos barcos recebeu 3 escoras de eucalipto de dimensões 12-10cm (espessura) e comprimento variável entre 270 a 470cm do chão. Para a fixação das escoras, cavou-se furos no solo da praia, (entre 80 a 100cm de profundidade por 13cm de diâmetro), de forma que ao serem fixadas no chão, cada uma das escoras fosse autoportante, sustentando em equilíbrio o peso dos barcos, a despeito da movimentação das areias e da tábua de marés.



Fig.2 – Imagem da pista central acesso a Praia de Sabiaguaba, a esquerda o mangue e a barra do rio Cocó, a direita a APA de dunas da praia de Abreulândia com vegetação de restinga. 2023. Imagem: autor

A escolha da Sabiaguaba e Abreulândia deu-se em razão do contexto especulativo do mercado imobiliário e do turismo predatório, que tem assolado a biodiversidade do mangue do cocó, das áreas de restinga e das dunas. Transformado a economia local com o apagamento da memória do lugar e do conhecimento ancestral da pesca.

Especialmente na praia de Abreulândia, onde ainda é possível presenciar pessoas trabalhadoras do mar, ocupando seus ofícios de pesca artesanal em jangadas, no entanto esse processo vem se dirimindo em função das empresas que se instalam no local, como da construção civil que desalojam famílias locais e constroem em larga escala *resorts*, condomínios fechados e hotéis,

Sem contar o impacto do turismo predatório nas APAS - Área de Proteção Ambiental (de mangues e dunas); e o

assédio social de empresas de serviços ligadas ao turismo, que empregam mão-de-obra à baixo custo, retirando trabalhadores do mar de seus ofícios de origem, para ocuparem funções à serviço dos turistas.

Navegar com os olhos

Imaginar formas possíveis de habitar o mundo que nos cerca. Velejar com os desejos e ir até aonde a visão conseguir alcançar. Construir barcos de pau-a-pique, como casas de terra e ar, suspendê-las em estruturas de palafitas como tentativa de alcançar o céu e beber o horizonte.

Barcos como ninhos de aves de arribação, erguidos em troncos de árvores, abrigos sensíveis que estabelecem entre si, um ajuntamento de pequenas paisagens suspensas e migratórias, alternando entre espaço perceptivo do corpo e o debruçar das sombras que espalham suas silhuetas nas areias da praia, oferecendo proteção.

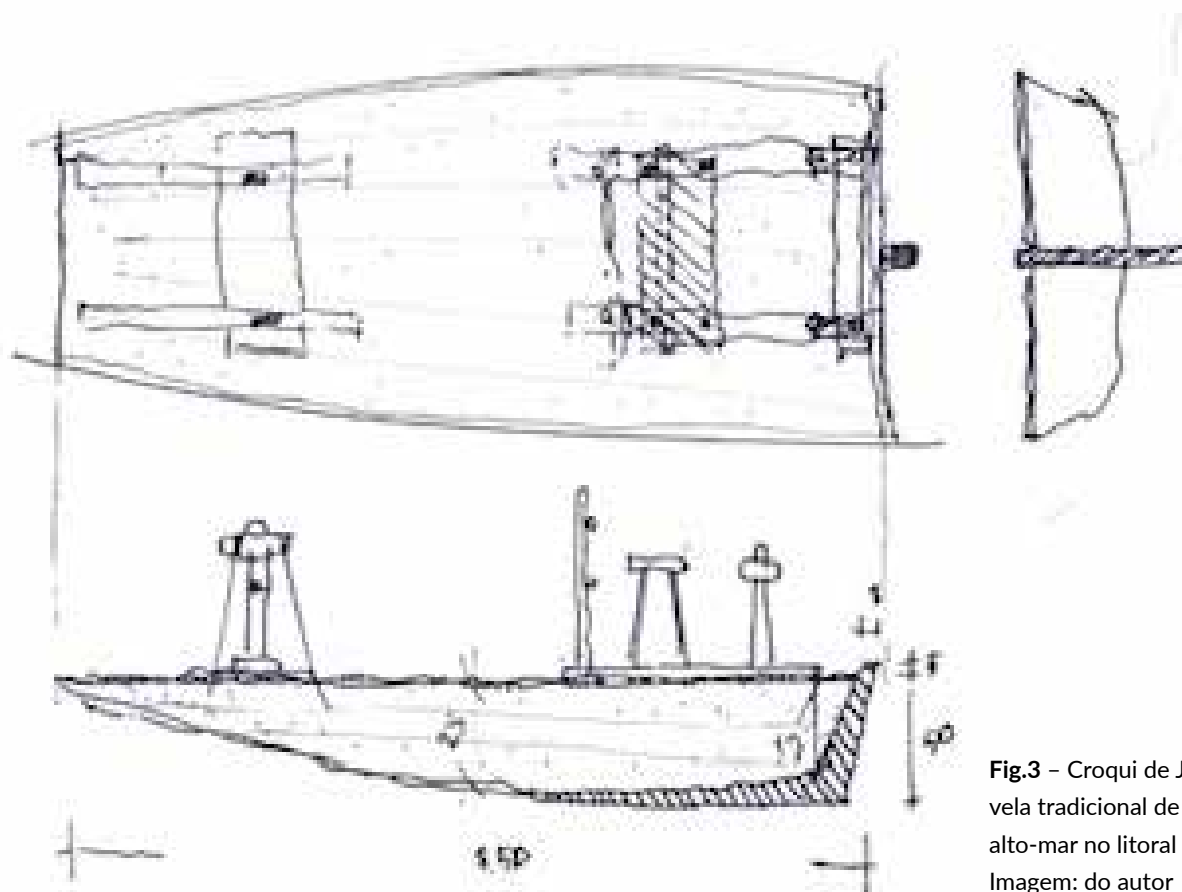


Fig.3 - Croqui de Jangada à vela tradicional de pesca em alto-mar no litoral Cearense. Imagem: do autor



Fig.4 - Barreamento da obra Navegantes em Sabiaguaba - Fortaleza. Imagem: Joel Martins

Navegar com os pensamentos

Imaginar um lugar de repouso ou um destino inatingível. Desnudando nesse aventurar-se, a memória dum passado recente desejoso de existir no agora instante, no presente hoje, memorado na materialidade da ancestralidade das casas de barro, presentes nas comunidades caiçaras do Ceará.

Tangenciar com os olhos os navegantes-barcos, viajantes aportados frente às águas. Postos afincados em enxergar adiante do que é oferecido a capacidade humana de ver além-mar. Por ser barco, corpo e casa, urge na **ação renitente**, o refazimento das indumentas da poesia, como quem semeia nos horizontes as potencialidades de suas feitura, aguardando colher no amanhã a regeneração humana e da natureza que se plantou no ontem.

Travessia árdua que se dá na experiência de afetação coletiva em relação ao espaço natural, cujas poéticas críticas engendram, quiçá, as novas atitudes e consciências, alinhadas as percepções sensíveis da realidade vivida pelas comunidades de pescadores, desestabilizando a cegueira social, descortinada pela arte como olhos do mundo, por meio

da expansão sensível do corpo e de seus atravessamentos com a vida.

Assim como os espíritos e os corpos desses trabalhadores do mar constroem suas jangadas como extensões de suas casas. A intervenção Navegantes esmera-se nas inquietações a respeito das formas possíveis de habitarmos o mundo que nos cerca.

A obra, portanto, engendra um diálogo profícuo com a paisagem, a natureza e as pessoas do território da Sabiaguaba e da Abreulândia. Ao serem instaladas à *beira mar*, os três barcos de pau-a-pique, suspensos do chão por palafitas, parece friccionar *a própria essência de morar e de navegar*, como forma de provocar no público a visibilidade da realidade nos territórios, em especial as pessoas da comunidade, suas histórias, afetos e memórias.

De forma que pela arte, a construção da obra em conjunto com os pescadores locais, fosse posta como extensões das pessoas trabalhadoras do mar e de suas travessias para a escuta do território, buscando gestar nesse processo uma rica troca, com conhecimentos e reflexões pela consciência do estar/ser nesse território de luz.



Fig.5 – Navegantes suspensos por palafitas em Sabiaguaba - Fortaleza. Imagem: Joel Martins

Contribuindo para a regeneração da natureza, dos humanos e da biodiversidade ali presente. Uma vez que a obra instalada toma como referência as casas de palafitas presentes na Sabiaguaba, (em especial na barra do rio Cocó) compreendendo o barco como um abrigo que se navega com os olhos e com a alma da comunidade local.

A referência de Navegantes deu-se nas vilas locais de pescadores, construídas no passado com terra, esterco, troncos, fibras de carnaúba, galhos de marmelos e mororós – esta última, o galho de mororó, conhecida pela sua especificidade de envergar, mas, não quebrar nunca. Resiliência que parece refletir as comunidades ancestrais de pessoas negras e caiçaras, de nunca desistirem, apesar das lutas e dificuldades diárias.

Lutas que se reinauguram com o tempo, se sofisticam nas formas de habitar/ocupar o espaço urbano e a natureza, pondo em xeque o território das comunidades de pescadores ao delimitá-los como periferia, ao mesmo instante que superfaturam as áreas propícias para o turismo predatório, pondo-as como centro. Construindo suas muralhas físicas e sociais, onde o periférico só tem acesso para ocupar os subempregos à serviços da classe privilegiada.

Numa outra escala do jogo da vida, as cartas do capital têm se apresentado de forma voraz e sofisticadamente predatória, através das grandes multinacionais que transformam a natureza e os territórios em *commodity* pelo captoloceno (Donna Haraway, 2012).

Impactando de forma significativa as comunidades tradicionais, a biodiversidade marinha e de restinga do litoral, no caso aqui posto, argumentado e justificado pela corrida energética de produção do hidrogênio verde, que através das *offshores* de parques **eólicos em alto-mar**, dentro das zonas descritas como Amazônia azul, especificamente nas **áreas** costeiras do Ceará, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Conforme imagem abaixo, o estudo de potencial energético da costa brasileira.

Os investimentos em parques eólicos financiados pelos países ricos, tem como um dos objetivos a redução de suas emissões de carbono desses países, transferindo suas responsabilidades aos países emergentes, ou seja, o que se caracteriza como Colonialismo Energético (Josefa Contreras e Alberto Ruiz, 2023), uma vez que os países ricos com fins de alcançar suas metas, vem os territórios naturais dos

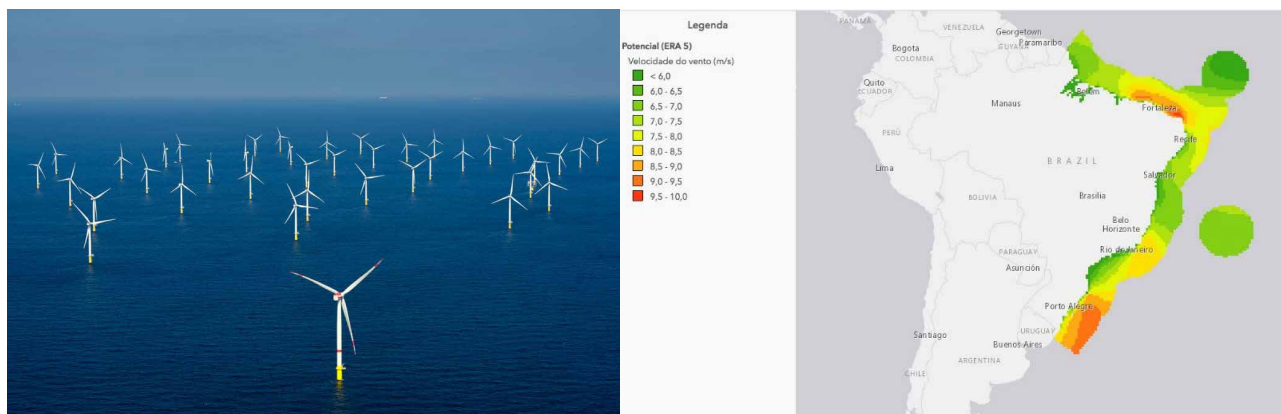


Fig. 6 e 7 Mapa Implantação de Parques Eólicos *Offshores* no território brasileiro, a serem instaladas nas áreas em vermelho e laranja, por terem maior potencial de ventos e geração de energia eólica.

Fonte: <https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/secretarias/sntep/dte/cgebc/gt-eolicas-offshore-1>

países pobres como zonas de sacrifício (Steve Lerner, 2012) na sua obra *Sacrifice Zones: The Front Lines of Toxic Chemical Exposure in the United States*, as Zonas de Sacrifício se observa a superposição de instalações de empreendimentos que são responsáveis por danos e riscos ambientais.

Como exemplo dos parques eólicos *onshores* (em terra), espalhados nas dunas e áreas de restingas ao longo do litoral cearense, as estruturas tenderam a ser postas em áreas de moradia de populações de baixa renda, onde o valor da terra é mais baixo e onde o acesso dos moradores aos processos legais e judiciais são menores.

O que pode significar pela perspectiva da justiça ambiental e a ecologia política, que as zonas de sacrifícios são territórios que concentram riscos ambientais sobre populações vulnerabilizadas em favor dos países ricos que poderão comprar créditos de carbono ou firmar transações diretamente com os países emergentes, onde a legislação é frágil e permissivamente favorável aos países que exploram os bens naturais, sem qualquer sanção ou responsabilidade com esses territórios explorados.



Fig. 8 Escultura NAVEGANTES (2023) na praia de Sabiaguaba – Fortaleza-Ce. Imagens – Joel Martins



Fig. 9 Escultura NAVEGANTES (2023) na praia de Sabiaguaba – Fortaleza-Ce. Imagens – Joel Martins

Navegar com esperança

No interior dos barcos, vazio e silêncio
Sobre os grãos de areia lavada de mar
O movimento como quem dança com as **águas**

Navegantes, barcos de terra, madeira e solidão.
que conclamam no sagrado
o desvelar das tentativas de apagar corpos dissidentes
pelo racismo ambiental e a colonização energética.

Navegar para decolonizar
Pensamentos, corpos e ancestralidades
Construindo um barco-casa com janelas e portas desnudas

Revelando no diatópico mundo
Suas hostilidades impregnadas de desumanidade.
Cujas faturas sombreiam terra e mar
Ensurdecendo os porões da alma

E trazendo consigo e aos olhos do mundo
A invisibilidade que o mundo esqueceu de ver

E que quotidianamente nos é posto à mesa
na justeza das imaterialidades
Nas relações ontológicas de humanos e não-humanos
E entre corpos, arquiteturas e paisagens.

Referencias

CONTRERAS, Josefa e RUIZ, Alberto. *Colonialismo energético: Territórios de sacrifício para la transición energética corporativa en España, México, Noruega y el Sáhara Occidental*. Icaria, Espanha, 2023.

HARAWAY, Donna. *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*. Artigo ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte | Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016 / ISSN 2359-4705 p. 139-146.
LERNER, Steve. *Sacrifice Zones*, 2012. Vide in: <https://direct.mit.edu/books/book/3300/Sacrifice-ZonesThe-Front-Lines-of-Toxic-Chemical> Acesso em 28/11/2024.